



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA  
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**AÇÃO EDUCATIVA: ESPAÇO DE DIÁLOGO  
ENTRE O PÚBLICO E O MUSEU OLIVIO OTTO –  
CARAZINHO/RS**

**ESPECIALISTA EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**Nanci da Cruz Mafalda**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2011**

# **AÇÃO EDUCATIVA: ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE O PÚBLICO E O MUSEU OLÍVIO OTTO – CARAZINHO/RS**

Por

**Nanci da Cruz Mafalda**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância, Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de

**Especialista em Gestão Educacional**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Leila Adriana Baptaglin**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2011**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional**

A comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de Especialização  
em Gestão Educacional

**AÇÃO EDUCATIVA: ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE  
PÚBLICO E O MUSEU – MUSEU OLÍVIO OTTO –  
CARAZINHO - RS**

elaborada por

**Nanci da Cruz Mafalda**

como requisito parcial para obtenção do título de  
**Especialista em Gestão Educacional**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Profª. Ms. Leila Adriana Baptaglin (UFSM)  
(Presidente/Orientador)**

**Profª. Ms. Maiane Liana Hatschbach Ourique (UFSM)**

**Dr. Prof. João Luis Ourique (UFPEL)**

**Profª. Ms. Alexandra Silva dos Santos Furquim (UFSM)  
(suplente)**

Santa Maria, 15 janeiro de 2011.

*Os museus são janelas, portas e portais.  
Elos poéticos entre a memória e o esquecimento,  
entre o elo de dentro e o de fora,  
entre o aberto e o fechado,  
entre o olhar e o olhado.  
Elos políticos entre o sim e o não,  
entre o talvez e o não sei.  
Poesias, utopias, sonhos, conflitos,  
pesadelos, gotas de sangue, suor e lágrima:  
tudo o que é humano tem espaço no museu.*

Mário Chagas

*Dedico este estudo às pessoas que são a razão da minha existência:  
aos meus pais, Luiz e Ana,  
aos meus filhos, Alan, Ana Paula e Lana,  
pelo carinho, pelo apoio,  
pela compreensão, por estarem sempre comigo,  
por serem a luz da minha vida.*

*Muitas pessoas estiveram envolvidas  
direta e indiretamente na realização de mais essa etapa da minha vida.  
Mas todas significaram muito, de uma ou de outra forma, e por isso agradeço  
à Aline e ao Lucas, meus pupilos,  
colegas e amigos do coração, pela motivação para começar.  
Aos professores, pelo acompanhamento durante esses dois anos.  
Em especial, a minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Ms. Leila Adriana Baptaglin, pelo  
apoio e disponibilidade, para que fosse possível chegar ao fim dessa etapa.  
Também, em especial, ao Claudio Damião Braun, colega, amigo e  
companheiro, desta e de tantas outras jornadas.*

*Obrigada!*

Com vocês, aprendi que além das concepções teóricas, os seres humanos são dotados de muitas limitações, mas também de infinitas possibilidades.

## RESUMO

### **AÇÃO EDUCATIVA: ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE O PÚBLICO E O MUSEU OLIVIO OTTO – CARAZINHO/RS**

**Acadêmica:** Nanci da Cruz Mafalda

**Orientador (a):** Prof<sup>a</sup>. Ms. Leila Adriana Baptaglin

Ao referir-se a museus é preciso ter a noção que este espaço, apesar de ser pedagógico e educativo, não se caracteriza como um espaço de ensino formal. De um modo não-formal, educa, propõe reflexões, constrói identidades, forma sentidos de pertencimento na comunidade e, no século XXI, é lugar de questionamento e de diálogo sobre as coisas do mundo global e local. Esse diálogo e essa interação se tornam possíveis e potencializadas através de uma ação pedagógica, produzida pelo museu, a qual deriva do plano de gestão da instituição, que, permeada pelas demais ações e práticas desenvolvidas pelo museu, estabelece relações entre o público e os objetos de suas exposições, sejam elas de longa duração, temporárias ou itinerantes. Sendo assim, o presente estudo apresenta, como temática, a questão da ação educativa enquanto espaço de diálogo entre o público e o museu. Tem como objetivo propor um documento em forma de projeto, no âmbito educativo, para nortear as ações do Museu Olívio Otto - Carazinho/RS, para o ano de 2011, no momento em que a instituição busca consolidar sua nova concepção junto à comunidade local, regional e instituições afins.

**Palavras-Chave:** gestão museológica, museu, ação educativa

## **ABSTRACT**

### **EDUCATIONAL ACTION: A SPACE FOR DIALOGUE BETWEEN THE PUBLIC AND THE OLIVIO OTTO MUSEUM – CARAZINHO/RS**

**Academic:** Nanci da Cruz Mafalda

**Advisor:** Professor. Ms. Leila Adriana Baptaglin

When referring to museums it's necessary to have the notion that this space, although being pedagogical and educational, is not characterized as an area of formal education. In a non-formal manner, it teaches, offers reflections, sets up identities, creates senses of belonging in the community and, in the twenty-first century, is a place of questioning and dialogue about the global and local world things. Such dialogue and interaction become possible and potentiated through a pedagogical action, produced by the museum, which derives from the institution management plan, which permeated by the other actions and practices developed by the museum, establishes relations between the public and the objects of its exhibits, whether they are long-term, temporary or itinerant. Thus, this study has as its theme, the issue of the educational action as a space for dialogue between the public and the museum. It aims to propose a project document, in the educational scope, to guide the actions of The Olivio Otto Museum-Carazinho/RS, for the year of 2011, at the moment that the institution seeks to consolidate its new conception with the local community, regional and related institutions.

**Keywords:** museum management, museum, educational action

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Aspecto de parte da segunda sala do Museu Histórico – RJ.....	17
Fig. 2 – Aspecto da parte de uma das salas do Museu Olívio Otto – Carazinho – RS – 2006.....	17
Fig. 3 – Museu Histórico Nacional - RJ.....	19
Fig. 4 - Museu Julio de Castilhos - Porto Alegre – RS – Gabinete Julio de Castilhos.....	19
Fig. 5 - Museu Olívio Otto – Carazinho – RS.....	20
Fig. 6 - Museu de Ciências e Tecnologia – PUC/RS .....	20
Fig. 7 – Jardim Botânico do Rio de Janeiro – RJ .....	21
Fig. 8 – Zoológico de Sapucaia do Sul – RS .....	21
Fig. 9 – Olinda – Pernambuco – PE .....	21
Fig. 10 – Parque nacional da Serra da Capivara – Piauí / Pintura Rupestre.....	21
Fig. 11 – Museu da Pessoa .....	22
Fig. 12 - Fachada antiga Museu Olívio Otto - 2007 .....	24
Fig. 13 – Nova fachada do Museu Olívio Otto – 2008 .....	24
Fig. 14 – Espaço expositivo do Museu Olívio Otto na antiga sede – 2007 ....	25
Fig. 15 – Sala de exposição do Núcleo de História e Cultura do Museu Olívio Otto – 2010 .....	25
Fig. 16 - Espaço expositivo do Museu Olívio Otto na antiga sede – 2007....	25
Fig. 17 - Sala de exposição do Núcleo de Ciências Naturais do Museu Olívio Otto – 2010.....	25
Fig. 18 - Interatividade na exposição do “Plástico: da matéria-prima ao pós consumo” com materiais recicláveis – Projeto Ecoatividade – ULBRA – Carazinho.....	27
Fig. 19 - Itinerância da exposição “ Cada Mulher é um universo” na praça central da cidade.....	28
Fig. 20 - Trabalho de mediação com as excursões recebidas no museu.....	28
Fig.21 - Oficina de exicatas realizada pela Bióloga Aline Schu para professores de ciências .....	29

Fig. 22 - Oficina realizada pelo professor Jamaica na Semana da Consciência Negra .....	29
Fig. 23 - Oficina de ação educativa no pátio do museu por ocasião da Semana da Consciência Negra.....	30
Fig.24 - Organograma do Museu Olívio Otto.....	37
Fig.25 Fluxograma do Museu Olívio Otto .....	38

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total de visitantes no ano de 2009.....	41
Gráfico 2 - Total de visitantes do município de Carazinho no ano de 2009.....	41
Gráfico 3 - Total de visitantes do Rio grande do Sul no ano de 2009.....	42
Gráfico 4 - Total de visitantes dos demais estados do país no ano de 2009.....	43
Gráfico 5 - Total de visitantes do exterior no ano de 2009.....	43
Gráfico 6 - Total de turistas que visitaram o museu no ano de 2009.....	44
Gráfico 7 - Total de estudantes que visitaram o museu no ano de 2009.....	44

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. HISTÓRIA DOS MUSEUS.....</b>	<b>15</b>
1.1 Histórico do surgimento dos museus: <i>de templos a fóruns</i> .....	15
1.2 Histórico do Museu Olívio Otto.....	23
<b>2 GESTÃO MUSEOLÓGICA.....</b>	<b>26</b>
2.1 As redes .....	30
2.2 Novo Estatuto do Museu: instrumento para formatar o Plano Museológico .....	33
2.3 Plano Museológico do Museu Olívio Otto: instrumento estratégico de gestão.....	35
2.4 Perfil do público: para dialogar é preciso conhecer.....	38
<b>3. AÇÃO EDUCATIVA: ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE PÚBLICO E MUSEU.....</b>	<b>46</b>
3.1 Programa educativo do Museu Olívio Otto.....	54
3.1.1 Objetivo geral.....	55
3.1.1.1 Objetivos específicos .....	55
3.1.1.2 Estratégias educativas .....	56
3.1.1.3 Metodologia do programa.....	57
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>60</b>

## INTRODUÇÃO

Ao se referir a uma instituição museológica, primeiramente, é preciso considerar que este se constitui em um espaço de educação não-formal<sup>1</sup>, que tem como objeto de trabalho o bem cultural. Segundo a definição da Conferência de Santiago do Chile em 1973, o papel dos museus na América Latina é de:

Uma instituição a serviço da sociedade, que adquire, comunica e expõe, especialmente para fins de estudo, conservação, educação e cultura, testemunhos representativos da evolução da natureza e do homem, tendo como funções básicas a aquisição, conservação, pesquisa, comunicação e exposição do seu acervo para fins de educação, valendo-se das evidências materiais do homem, como construtor de valores individuais e coletivos no conjunto das sociedades (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p.98).

No entanto, a aquisição de coleções, a conservação e a pesquisa das mesmas, atualmente, parece não ser mais a função fundamental e única dos museus. O diálogo e a interação com os visitantes têm se tornado imensamente importantes, para que os museus do século XXI venham a cumprir efetivamente sua função social, que é a de provocar reflexões, construir e democratizar saberes, criar vínculos identitários e desenvolver sentidos de pertencimento, instigando os consumidores de conhecimento a se transformarem em produtores de saber. Esse diálogo e essa interação se tornam possíveis e potencializadas através de uma ação pedagógica, produzida pelo museu, a qual deriva do plano de gestão da instituição. Permeada pelas demais ações e práticas desenvolvidas pelo museu,

---

<sup>1</sup> O termo educação não-formal não pressupõe a inexistência da formalidade, ou que seu espaço não seja educacional. "A educação não-formal caracteriza-se por ser uma maneira diferenciada de trabalhar com a educação, paralelamente à escola, sendo uma de suas particularidades a busca pelo prazer da descoberta e do desafio na construção do conhecimento" ( VON SIMSON, PARK, FERNANDES *apud* FRONZA- MARTIN, s/d, p.3 ).

estabelece relações entre o público e os objetos de suas exposições, sejam elas de longa duração, temporárias ou itinerantes.

Sendo assim, o presente estudo apresenta, como temática, a questão da ação educativa enquanto espaço de diálogo entre o público e o museu, tendo como objetivo propor um documento em forma de projeto no âmbito educativo para nortear as ações do Museu Olívio Otto – Carazinho – RS, para o ano de 2011, no momento em que busca consolidar sua nova concepção junto à comunidade local, regional e instituições afins.

Rumo ao escopo pretendido, o presente estudo terá como metodologia a pesquisa bibliográfica que servirá como aporte teórico que fundamentará e contextualizará a trajetória histórica do surgimento dos museus, a evolução em sua concepção e no seu papel na sociedade através dos tempos.

Para o desenvolvimento do referido estudo, a forma de abordagem da pesquisa será quantitativa e qualitativa. Quantitativa, porque será necessário traduzir em números o levantamento dos tipos de público que visitam o museu, tendo como base o ano de 2009. Já a pesquisa qualitativa, é porque se trata de uma pesquisa que tem hipóteses indutivamente levantadas, amostragem intencional e de pequeno porte, cuja coleta dos dados é feita pela própria pesquisadora, tendo, por isso, delineamento flexível e uma análise interpretativa.

Em termos metodológicos, a pesquisa será exploratória e descritiva. Exploratória, por proporcionar maior familiaridade com o problema através da consulta bibliográfica com fichamento das leituras realizadas, e descritiva, porque os dados relacionados ao tema proposto serão registrados, analisados, classificados e interpretados conforme técnicas padronizadas de coleta de dados.

Para tanto, este estudo estará estruturado em 3 capítulos. O primeiro capítulo tratará de um breve histórico sobre o surgimento dos museus e a evolução de sua concepção através do tempo, assim como o histórico do surgimento do Museu Olívio Otto. O segundo aborda a questão da gestão museológica e as redes de compartilhamento, assim como do novo Estatuto dos Museus, fator embasador do Plano Museológico da instituição e do

levantamento do público visitante do Museu Olívio Otto. O terceiro capítulo, por sua vez, apresentará o trabalho de ação educativa<sup>2</sup> enquanto espaço de diálogo entre o perfil do público que frequenta o museu, além de apresentar sugestões para o programa educativo do museu para o ano de 2011, levando em conta o perfil do público pesquisado. Por último, serão apresentadas as considerações e sugestões finais sobre o estudo.

---

<sup>2</sup> A educação não-formal, observada no âmbito dos museus, possui como um eixo de atuação as atividades realizadas nestes sob a denominação de ação educativa. Se precedermos a uma analogia entre a educação não-formal, e aquela realizada nos museus (conseqüentemente a atividade educativa, quando existente), pressupõem-se que: "... a transmissão do conhecimento acontece de forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de não aprendizado, pois as pessoas estão envolvidas no e pelo processo ensino aprendizagem e têm uma relação prazerosa com o aprender". (VON SIMSON, PARK, FERNANDES apud FRONZA- MARTIN, s/d, p. 4).

## 1. HISTÓRIA DOS MUSEUS

### 1.1 Histórico do surgimento dos museus: *de templos a fóruns*

O museu surgiu a partir da coleção, seja ela de origem profana ou religiosa, pois desde a idade da pedra, o homem pré-histórico reúne, ao redor de si, objetos agrupados em determinada ordem como um desvio do instinto de posse. A palavra museu é uma derivação do grego *museion*, nome do templo de Atenas dedicado às musas, filhas de Mnemósine (deusa da Memória), que protegiam as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-los para a coletividade, cabendo ressaltar que a história clássica estava vinculada aos grandes feitos (ANDREATO, 2001).

Emerge desse conceito a prática de muitos museus, mesmo ainda na contemporaneidade, de narrarem a história de “vencedores”, de figuras importantes e de terem um caráter celebrativo em relação aos fatos históricos e às exuberâncias naturais que simbolicamente construía sentidos de nação.

O primeiro *mouséion* foi edificado sobre a colina de Hélicon, em Atenas. Recebia doações, ex-votos, oferendas destinadas aos deuses inspiradores dos artistas (o Tesouro dos Atenienses, em Delfos). No século III a.C., a mesma palavra foi utilizada para designar um conjunto de edifícios construídos por Ptolomeu Filadelfo em seu palácio de Alexandria. Tratava-se de um complexo que compreendia a famosa biblioteca, um anfiteatro, um observatório, salas de trabalho e de estudo, um jardim botânico e um pequeno zoológico. Já no século V a.C. se dava o nome de *pinacoteca* a uma das alas dos Propileus da Acrópole de Atenas (MARTINO, 2000).

Ao longo da história a noção de museu foi adquirindo novos significados, mesmo estando associada invariavelmente à arte, à ciência e à memória. Rumando aos principais marcadores dessas significações, pode-se dizer que, na “Idade Média, o termo museu foi pouco usado, reaparecendo por volta do século XV, quando o colecionismo tornou-se moda em toda a Europa” (JULIÃO, 2006, p. 20).

Nesse momento por conta do Renascimento:

O homem vivia uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista do Renascimento e da expansão marítima, que revelou à Europa ao novo mundo. Imbuídos pelo espírito antropocêntrico dessa época e buscando vestígios materiais das civilizações antigas, criaram-se as primeiras coleções onde o passado poderia ser estudado a partir dos seus vestígios materiais. Estabeleceu-se aqui a prática moderna do colecionismo. Assim, as coleções principescas, surgidas a partir do século XIV, passaram a ser enriquecidas, ao longo dos séculos XV e XVI, de objetos e obras de arte da antiguidade, de tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia e da produção de artistas da época, financiadas pelas famílias nobres (JULIÃO, 2006, p. 20).

Observa-se que, a partir de então, os gabinetes de curiosidades abandonaram a função exclusiva de saciar a mera curiosidade, voltando-se para a pesquisa e a ciência pragmática e utilitária. Muitas dessas coleções, que se formaram nos séculos XVII e XVIII, se transformaram em museus, tal como são hoje concebidos.

Adentrando a modernidade, a concepção de museu surgiu precisamente na conjuntura da Revolução Francesa de 1789, quando a montagem de um aparato jurídico e técnico antecipou, através de decretos e instruções, procedimentos de preservação desenvolvidos e proteção ao patrimônio francês. Tendo origens nas instâncias revolucionárias a primeira medida é:

A transferência dos bens do clero, da Coroa e dos emigrados para a nação. O segundo é a destruição ideológica de que foi objeto uma parte desses bens, a partir de 1792, particularmente sob o terror e o governo do Comitê de Salvação Pública. Se a conjuntura da Revolução Francesa, em fins do século XVIII, traçou os contornos da concepção moderna de museu, esta se consolidaria no século XIX com a criação de importantes instituições museológicas na Europa. Suntuosos em sua arquitetura, a idéia moderna de museu no século XIX está ligado ao museu templo que tinha como objetivos: o projeto de construção do estado nacional, a perpetuação do ideal dos valores burgueses e das elites nacionais e regionais, a guarda do conhecimento enciclopédico do mundo através da sacralização dos objetos, além de ser lugar de bons comportamentos e hábitos (CHOAY *apud* JULIÃO, 2006, p.20)

Assim sendo, tem-se como principais marcadores dessa trajetória, conforme aponta Martino (2000), os museus da Grécia antiga, os templos dedicados às musas, o museu das elites do século XVIII e início do século XIX, que tiveram como denominador comum a preservação de fragmentos e objetos

representativos de diversas épocas da humanidade, transmitindo a cultura de século em século.

Vale ressaltar que do colecionismo derivou o gabinete de curiosidades, característica comum dos museus do século XIX, como é o exemplo do Museu Histórico do Rio de Janeiro ( ver fig. 1).



Fig. 1 - Aspecto de parte da segunda sala do Museu Histórico. Entre outras coisas a roda do leme do vapor “Alagoas” que levou para o exílio, em 1889, a Família Imperial.  
Fonte: Bezerra (2010)

No entanto, essa configuração ainda é muito comum de ser encontrada nos museus na atualidade. Até a concretização do projeto de revitalização, o Museu Olívio Otto, possuía ainda a característica de gabinete de curiosidades, conforme é possível observar na fig. 2.



Fig. 2 - Aspecto de parte de uma das salas do Museu Olívio Otto de Carazinho em 2006, antes da execução do Projeto de Gestão e Qualificação que o revitalizou em 2008.  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto

Como mencionado anteriormente, se o primeiro passo rumo ao conceito de museu que se tem hoje foi dado na Revolução Francesa, o segundo acontece no final do século XX e início do XXI, quando os museus deixam de ser vistos e criticados como um local conservador elitista ou como bastião da tradição da alta cultura, dando lugar ao museu como cultura de massa, como um lugar de uma *mise-en-scène* espetacular e de exuberância operística.

Nessa perspectiva, o papel dos museus na comunidade se transforma e ganha relevância a utilização de suas coleções com fins educativos, dando ao museu o caráter de instituição social com dimensões educacionais.

Pode-se dizer que os museus na contemporaneidade deixam de ser *templos* e passam a ser *fóruns* onde uma das suas principais finalidades é suscitar discussões e reflexões, através de sua prática museológica, a respeito da democratização da memória, do patrimônio nacional *versus* patrimônio local, do patrimônio e a afirmação das identidades (BEZERRA, 2010).

Dentro dessa perspectiva, o Comitê Internacional de Museus – ICOM - aprovou em 6 de julho de 2001, na 20ª Assembléia Geral em Barcelona - Espanha, a definição de museu como sendo

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

No Brasil, o Sistema Brasileiro de Museus – SEM - traz a seguinte definição de museu:

Museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose (SEM/RS).

Tais definições abarcam a possibilidade de os museus serem instituições destinadas a preservar, estudar e expor objetos protegidos, posto em usufruto de uma comunidade local, regional ou nacional:

Ao longo das últimas décadas, à medida que a noção de comunidade se amplia até alcançar dimensões planetárias, a noção de museu buscou acompanhar tal movimento. Uma diversidade de bens antes associados a formações nacionais é exposta, por diversos meios de disseminação, e, pelo menos em teoria, posta à disposição da humanidade. Novos tipos de museu ampliam a abrangência dessas instituições, possibilitando a musealização de bens cujo porte as colocariam nas categorias de “monumento” e “patrimônio histórico”. A idéia de “coleção” vaza das paredes dos prédios dos museus, alcançando as cidades (BITTENCOURT, 2002).

Desse contexto surgem diversas tipologias de museus tais como:

- *Museu Tradicional*: tem como característica núcleos de exposição integrados, espaços bem delimitados para cada núcleo. A exposição segue um roteiro definido (circuito) e há uma ênfase no objeto como produto cultural, pois o museu tradicional valoriza o objeto (ver fig. 3, 4 e 5).



Fig. 3 Museu Histórico Nacional – RJ  
Fonte: Bezerra, (2010)



Fig. 4 - Museu Julio de Castilhos - Porto Alegre – RS – Gabinete Julio de Castilhos  
Fonte: <http://www.museujuliodecastilhos.rs.gov.br/site/html/gab-retrato.php>



Fig. 5 - Museu Olívio Otto – Carazinho – RS  
 Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto

- *Museu Tradicional de tipo Interativo (exploratório)*: comuns em museus de ciência. As exposições acontecem em núcleos definidos e seus espaços não rigidamente delimitados; mesmo não havendo roteiros definidos, existem conjuntos interativos. Há uma ênfase na percepção e no tempo do visitante. Trabalha um novo conceito de objeto através da interação do visitante, pois a compreensão só é possível com a participação do mesmo (ver fig. 06).



Fig. 6 - Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS  
 Fonte: [http://s3.amazonaws.com/data.tumblr.com/tumblr\\_l941k6Flpp1qdjnoto1\\_1280.jpg](http://s3.amazonaws.com/data.tumblr.com/tumblr_l941k6Flpp1qdjnoto1_1280.jpg)

- *Museu Tradicional com coleções vivas*: tem exposição em núcleos definidos e sua classificação é científica ou ocorrência segundo critérios ecológicos (ex.: plantas da Floresta Amazônica; peixes do Pacífico). Possui ênfase no acervo, que é constituído por espécimes vivos que se reproduzem em exposição. Pode

ou não ter um roteiro definido e há pouca interação entre visitantes e acervo. Provoca intensa reação no visitante, mas, para que haja real compreensão, é necessário o complemento educativo ou gráfico (ex.: textos). (ver fig. 7 e 8).



Fig. 7 - Jardim Botânico do Rio de Janeiro – RJ  
 Fonte: <http://meumundoenadamaisevellyn.files.wordpress.com/2008/05/jardimbotanico.jpg>



Fig. 8 - Zoológico de Sapucaia do Sul \_ RS  
 Fonte: <http://www.rotametropole.com.br/images/safari.jpg>

- *Museu de Território*: baseados na musealização de um território, tendo ênfase nas relações culturais e sociais (Homem/território). Valoriza processos naturais e culturais e não os objetos enquanto produtos da cultura. (Ver fig. 9 e 10).



Fig. 9 – Centro histórico - Olinda – Pernambuco  
 Fonte: Bezerra (2010)

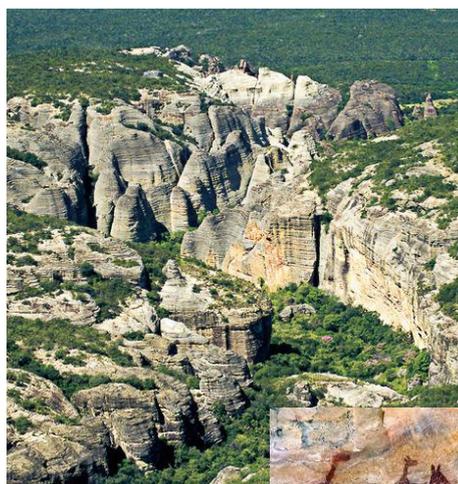


Fig. 10 - Parque Nacional da Serra da Capivara – Piauí –



Pintura Rupestre

Fonte: <http://www.twuturismo.com.br/jpg>

- *Museu Virtual*: não existe em materialidade, a não ser através de um possível registro em código informacional. Exposição existente apenas na tela do computador. Pode apresentar todas as características de um dos demais tipos de exposição. Não tem público, na acepção tradicional do termo – mas visitantes individuais. Cada visitante tem o potencial de alteração da exposição (ver fig.11).



Fig. 11 - Site do Museu da Pessoa  
Fonte: <http://www.museudapessoa.net/clube/>

A partir do século XXI, os museus passaram a questionar o próprio papel e o lugar construído para eles na sociedade e passa a não ter mais a pretensão de expor “a verdade” (única) sobre os acontecimentos, sobre um personagem ou uma temática, sendo, portanto, menos celebrativos. E sim, passam a ser fruto de escolhas, intencionalidades e pesquisa, compondo-se de linguagens e interpretações da realidade, construídas historicamente e selecionadas entre múltiplas possibilidades. Assim, como foi possível observar, os museus se desdobram em várias tipologias que definem o seu campo de preservação e sua função social.

## 1.2 Histórico do Museu Olívio Otto

O Museu Olívio Otto surge em novembro de 1957, quando o filho de Olívio Otto, Antonio Carlos Otto (Negrão), faleceu em um acidente de avião. Restou da aeronave uma ponta de asa, recolhida pelos familiares e guardada pelo pai. Foi assim o início de uma coleção e a busca pela imortalidade que se deu através da coleta aleatória de um acervo particular, de forma autodidata, sendo que os primeiros acervos colecionados foram as peças oriundas da imigração alemã.

A coleção foi sendo composta de temas variados que transitaram pela história regional, ciências naturais, religiosidade, costumes, aspectos políticos e econômicos, dentre outras representações que chamavam a atenção do público. Em 1972, quando a casa da família Otto ficou lotada de peças, este recebe proposta da Prefeitura para aquisição de sua coleção.

A partir daí, o acervo recebe impulso de crescimento e inúmeras aquisições foram buscadas, entre elas, um acervo indígena. A coleção científica é enriquecida com as amostras vindas do Colégio La Salle de Carazinho, como a mineralogia e a zoologia. Do viveiro da cidade chegavam os animais mortos que foram empalhados (taxidermizados) pela esposa de Olívio Otto.

A denominação de *Museu Regional do Planalto* é alterada em 1976, devido à confusão que podia ter, pois Planalto é o nome de outro município da região. Em 1978, teve a denominação alterada para *Museu Municipal Pedro Vargas*, numa homenagem ao fundador da cidade.

A década de 1980 representou uma época de grandes transtornos para o Museu. Promessas e insuficiência orçamentária problematizaram a instituição que tentava vivenciar honrosamente seus compromissos com o público.

No ano de 1991, Olívio Otto vem a falecer e teve seu trabalho ainda mais reconhecido, quando, em 1995, um decreto municipal altera o nome para *Museu Regional Olívio Otto*. Os anos seguintes foram de sinais de abandono e comprometimento para o acervo e a estrutura do Museu. Funcionários e comunidade temiam as mudanças climáticas que ocasionavam, geralmente,

alagamentos no interior do Museu.

Até então, o museu aparece e se desdobra, mas sem definição teórica e conceitual definida em virtude da não-sistematização das suas aquisições, pois a administração do Museu esteve a cargo da família Otto, até o ano de 1996.

O século XXI inicia e traz ações especializadas ao Museu. Em julho de 2007, começa a ser desenvolvido o *Projeto de Gestão e Qualificação do Museu Olívio Otto*, com base no então Projeto de Lei nº 7.568/20, que tramitava no Congresso Nacional para a criação do Novo Estatuto dos Museus, sancionado pela Presidência da República sob a Lei 11.904, em 14 de janeiro de 2009.

O referido projeto de gestão e qualificação teve como conceito gerador um programa museológico desenvolvido com base na acumulação permanente de uma equipe de natureza interdisciplinar, que, conjuntamente, elaborou os diversos planos técnicos, científicos, de pesquisa, planejamento, exposição e salvaguarda. No decorrer da execução do projeto, programação, avaliação e adequação do Museu, foram as ações que buscaram atingir novas demandas sociais em relação ao papel desempenhado pela Instituição, frente ao público. O Museu Olívio Otto foi reinaugurado em sua nova sede em julho de 2008.

Com a revitalização do museu, mudaram os enfoques temáticos do ecletismo dos objetos, havendo uma profissionalização desse espaço que ganhou um perfil identitário através da vocação temática centrada na história local que, levando em conta sua variada tipologia de acervo para contemplar questões técnicas exigidas pela museologia para exposição, conservação e guarda desse acervo, estruturou-se em dois núcleos – Núcleo Histórico e Cultural e de Ciências Naturais (ver fig. 12,13,14,16 e 17).



Fig. 12 - Fachada antiga – 2007  
Fonte: Arquivo do Museu Olívio Otto



Fig. 13 - Nova Fachada – 2008  
Fonte: Arquivo do Museu Olívio Otto



Fig. 14 - Espaço expositivo do Museu Olívio Otto na antiga sede – 2007  
Fonte: Arquivo do Museu Olívio Otto



Fig. 15 - Uma das salas de exposição do Núcleo de História e Cultura do Museu Olívio Otto – 2010  
Fonte: Arquivo do Museu Olívio Otto



Fig. 16 - Aspecto da exposição coleção de Zoologia na antiga sede do Museu Olívio Otto – 2007  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto



Fig. 17 - Sala de exposição do Núcleo de Ciências Naturais do Museu Olívio Otto – 2010  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto

A nova sede do museu foi adaptada e ganhou espaços específicos como: recepção, reservas técnicas e salas de exposições de longa duração e temporárias específicas para cada núcleo, setor de conservação e salvaguarda de acervo, setor administrativo, sala de coleção em estudo e sala de ação educativa.

## **2 GESTÃO MUSEOLÓGICA**

Com a execução do Projeto de Gestão e Qualificação do Museu Olívio Otto houve um redimensionamento de todas as ações do museu, exigindo também uma maximização das atividades de cunho pedagógico.

Partindo dessa perspectiva, este capítulo terá como proposta compreender a importância da ação educativa dentro da instituição museológica, já que a educação é uma das funções centrais do museu e um espaço privilegiado de diálogo entre este e seu público.

Para tanto, é mister compreender que as atividades pedagógicas desenvolvidas pelo museu necessitam de planejamento e estratégia que, juntamente com outras ações desenvolvidas, derivam do plano de gestão da instituição. Sabe-se que este documento, por sua vez, tem seu embasamento nas novas diretrizes conceituais e legais que norteiam o setor museológico.

Essas diretrizes surgem, como já vimos, quando as instituições museológicas, na contemporaneidade passaram a ser entendidas como instituições patrimoniais prestadoras de serviços para as comunidades. Ao assumir esse novo papel no campo social, os museus passaram a requerer novos métodos e modelos de gestão mais eficazes e eficientes para cumprir com sua missão.

Desse modo, a gestão museológica se trata de um tema de fundamental importância para administrar a complexidade das novas estruturas museológicas inseridas no contexto contemporâneo da globalização.

Rumo ao tema pretendido, objetivou-se compreender quais os mecanismos de gestão que são propostos pelas políticas governamentais para o setor de museologia. E, em se tratando de discutir e elaborar um Projeto de Ação Pedagógica para o museu, o objetivo é identificar os pressupostos que este deve ter, já que as atividades educativas do museu estão diretamente imbricadas com os demais conjuntos de ações que o museu desenvolve.

No Brasil, a atual política de gestão destinada aos museus começou a ser delineada pelo Ministério da Cultura a partir de maio de 2003, quando foi

lançada a Política Nacional de Museus (PNM). Esta teve como objetivo promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade sócio-étnico e cultural do país. Foi a Política Nacional de Museus que consolidou no Brasil a estrutura de gestão em redes, sobre as quais se falará mais adiante.

A ação educativa pode ser entendida, dentro desse contexto, como toda ação mediada pelo museu em seus mais diversos suportes da monitoria, da disposição das próprias exposições, das textualizações, das itinerâncias, das atividades específicas como filmes, palestras, oficinas etc. Essas ações se processam no museu, guiadas basicamente pelo que prevê o plano Museológico no seu Programa de Ação Educativa. Eis alguns exemplos de ações pedagógicas realizadas pelo museu.



Fig. 18 Interatividade na exposição do “Plástico: da matéria-prima ao pós-consumo” com materiais recicláveis – Projeto Ecoatividade – ULBRA – Carazinho  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto



Fig.19 - Itinerância da exposição "Cada Mulher é um universo", na praça central da cidade.  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto



Fig. 20 Trabalho de mediação com as excursões recebidas no museu  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto



Fig. 21 Oficina de exicatas realizada pela Bióloga Aline Schu para professores de ciências  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto



Fig. 22 Oficina realizada pelo professor Jamaica na Semana da Consciência Negra  
Fonte: Arquivos Museu Olívio Otto



Fig. 23 Oficina realizada pelo professor Jamaica na Semana da Consciência Negra no pátio do museu  
Fonte: Arquivos do Museu Olívio Otto

## 2.1 As redes

Com vistas a gerar valor, melhorar a qualidade dos serviços à comunidade, abarcar os custos, surgem alternativas de compartilhamento e redes de ações com o objetivo de garantir o cumprimento da missão do museu e ampliar o interesse do público, considerando o valor intrínseco da cultura para além do seu valor econômico.

Assim, a partir da década de 1980, com o aumento do reconhecimento da participação dos museus no desenvolvimento social e nas políticas culturais das sociedades, os governos das nações europeias como Alemanha, Holanda, Inglaterra, Irlanda, França, Espanha e Portugal foram os primeiros a implantar o sistema de redes<sup>3</sup> de credenciamento e uma legislação específica para a área museológica. Gerou a explosão do universo de museus e a discussão do

---

<sup>3</sup> O modelo cultural de organização social em redes foi proposto pelo sociólogo espanhol Manuel Castells na década de 1980, baseado em seus estudos sobre a cultura frente à tecnologia, melhor dizendo, sobre a interface da tecnologia com as pessoas (CASTELLS, 2000).

tema tecnologia, melhor dizendo, sobre a interface da tecnologia com as pessoas (CASTELLS, 2000).

Essas ações e políticas culturais foram baseadas em alguns eixos fundamentais do ponto de vista conceitual os quais consideram a cultura como

Um vetor de desenvolvimento econômico e social, pois gera emprego e renda; uma ponte de entendimento do presente e não mais a representação passiva do passado; um instrumento da prática da cidadania, pois valoriza o indivíduo. [...]. As redes européias funcionam verticalmente, horizontalmente ou ainda por sistemas mistos e ao criado a partir de códigos internacionais de museus como o código de deontologia do ICOM e documentos formalizados em congressos de museus como é o caso da Carta Cultural Iberoamericana de Museus. O objetivo é fomentar possibilidades e recursos para cada parte integrada na rede, incentivando o potencial de criatividade e possibilidade, bem como preencher lacunas com relação às necessidades de cada museu, criando linguagem e espaço cultural comum. Além das redes de âmbito nacional, estadual e regional, existem também as redes internacionais como, por exemplo, a NEMO (Network Of European Museum Organization) e o próprio ICOM (Conselho Internacional de museus) que podem ser considerados como uma estrutura de trabalho em rede (CARVALHO, 2008, p. 53).

No Brasil, por sua vez, a estrutura em redes dos museus data da década de 1980, com alguns casos que não tiveram continuidade; mais recentemente, no final da década, já aos moldes do que propôs a nova Política Nacional dos Museus (PNM), em 2003.

A Política Nacional dos Museus, através de seus principais eixos como a gestão e configuração do campo museológico, a democratização e acesso aos bens culturais, a formação e capacitação de recursos humanos, a informatização de museus, a modernização de infra-estruturas museológicas, o financiamento e fomento para museus e a aquisição e gerenciamento de acervos culturais, alavancou o desenvolvimento à criatividade, à produção de saberes e fazeres e ao avanço técnico-científico do campo museológico. Mobilizou, a partir de seu lançamento, diversas ações no setor museológico. No âmbito educativo dos museus, por exemplo, o PNM possibilitou a criação de programas que visam uma maior inserção do patrimônio cultural musealizado na vida social contemporânea por meio de ações de caráter educativo-cultural, da criação de formação de educação museal e patrimonial.

O modelo de gestão da PNM está alicerçada da seguinte forma:



Fonte: Rafael Zamorano Bezerra – Ibram/MHN - Oficina de elaboração de projetos e fomento para a área museológica. 12º Fórum Estadual de Museus. 26,27 e 28 de abril de 2010. Santa Maria – RS.

Os instrumentos de democratização tratam do acesso aos bens culturais e diz respeito à formação de rede de colaboradores nacionais e internacionais e de redes temáticas como a Rede de Educadores em Museus - REM, o lançamento de editais, programas de capacitação de pessoal, realização de fóruns de discussão etc.

Os instrumentos de fomento referem-se aos dispositivos políticos e administrativos que foram pensados e desenvolvidos, visando à revitalização dos museus tais como o Programa Monumenta, os editais do Minc, do BNDS, da Caixa Econômica Federal e da Petrobrás, além das leis de incentivo à cultura e dos programas estaduais e municipais de apoio aos museus.

Já os instrumentos institucionais são os que literalmente dão ao modelo de gestão o caráter de rede, pois cria o Sistema Brasileiro de Museus, do Cadastro Nacional de Museus, do Instituto Brasileiro de Museus e vem a definir uma legislação específica para o campo museal. É o caso do Estatuto dos Museus<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> O Estatuto dos Museus - Lei nº 11.904/09 - além de criar normas gerais reguladoras contribui na criação de instituições museológicas, identifica suas funções e atribuições e regula atividades específicas. (<http://www.cultura.gov.br>)

O sistema e redes de museus constituem-se, portanto, num novo modelo de gestão administrativa que procura reforçar o diálogo entre os governos e as instituições museológicas, e destas entre si, traçando um panorama de compartilhamento, ou seja:

São modelos de caráter público, que visam, sobretudo, a multiplicar ações de reciprocidade e, por isso, a constituição de um planejamento sistêmico de museus vai depender das decisões políticas. As políticas culturais para a preservação do patrimônio museológico estabelecem as normas e os códigos de museus, recomendando a criação de redes de museus, redes estas que, por sua vez, potencializam e consolidam as políticas culturais. As redes são instrumentos de cooperação e desenvolvimento que podem diminuir desigualdades e diferenças, podendo inclusive reconstruir a imagem do museu junto à sociedade (BRUNO, 2005).

Dentro desse contexto e tendo como ferramenta o novo Estatuto dos Museus é que as instituições enquadradas nos Sistemas de redes delineiam suas políticas de ações.

## **2.2 Novo Estatuto dos Museus: instrumento para formatar o Plano Museológico**

Um dos pontos relevantes do Estatuto dos Museus é a obrigatoriedade das instituições de elaborar e implementar um plano museológico contendo um diagnóstico participativo, a identificação dos espaços e conjuntos patrimoniais sob a guarda e a identificação de seus públicos destinatários.

Segundo o Novo Estatuto dos Museus, Lei nº 11.904/09, em sua Seção III, Art. 45, o Plano Museológico é

Compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável à identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade (BRASIL, MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011).

Temos também, em seu Art. 46, que o Plano Museológico

Definirá sua missão básica e sua função específica na sociedade e poderá contemplar os seguintes itens, dentre outros:

I – o diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos;

II – a identificação dos espaços, bem como dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus;

III – a identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus;

IV – detalhamento dos Programas:

a) Institucional;

b) de Gestão de Pessoas;

c) de Acervos;

d) de Exposições;

e) Educativo e Cultural;

f) de Pesquisa;

g) Arquitetônico-urbanístico;

h) de Segurança;

i) de Financiamento e Fomento;

j) de Comunicação ( MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011).

Desse modo, a elaboração do mesmo pelo gestor da instituição é uma exigência da nova legislação e constitui-se no principal documento que guiará o funcionamento da unidade museológica.

O Museu Olívio Otto teve seu primeiro Plano de Gestão, dentro das novas diretrizes museológicas do PNM, no ano de 2007, quando a administração Municipal, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, dentro de sua política cultural, toma por iniciativa revitalizar o Museu Olívio Otto. Através da assessoria do Sistema Estadual de Museus, com a contratação de uma Técnica em Museologia e Patrimônio Cultural, o “Plano de Gestão e Qualificação” para o museu é elaborado.

O “Plano de Gestão e Qualificação do Museu Olívio Otto” orientou os processos de transferência de sede, de mudança conceitual da instituição, do projeto museográfico, de guarda, acondicionamento e conservação de acervos e teve uma duração de dois anos.

No final do ano de 2008, enquanto gestora do museu e juntamente com a equipe multidisciplinar, foi elaborado um segundo plano de gestão com diretrizes indicadoras para o quadriênio 2009/2012, uma vez que havia a preocupação com a troca de administração municipal em virtude das eleições

de 2008. Sendo esta a fase importante em que o museu estaria consolidando sua nova concepção na comunidade, rupturas na sua estrutura de funcionamento colocariam em risco o trabalho até então realizado. No ano de 2009, trabalhou-se justamente com a questão da ação educativa. Em abril de 2009, por decisão dos setores hierarquicamente superiores, aos quais o museu se subordina, fui convidada a retornar à função de coordenação da instituição.

Essa iniciativa, juntamente com a manutenção de grande parte da equipe, garantiu a continuidade da concepção pensada pelo Projeto de Gestão e Qualificação do museu, elaborado e executado em 2007/2008. Vale ressaltar que a mudança de sede, acompanhada pela readaptação aos moldes das novas diretrizes museológicas e sobre o ordenamento do novo Estatuto dos Museus, é somente a metade do caminho percorrido pela história da instituição. Acrescenta-se que, pelas experiências vivenciadas nesses moldes, a instituição leva em média dois anos para a consolidação dos seus novos propósitos tanto na comunidade local, como regional. Isso, obviamente, se houver uma política pública por parte do município que ampare a instituição.

Partindo das diretrizes gerais elaboradas para o quadriênio, a equipe do museu elaborou o Plano Museológico do Museu Olívio Otto para o ano de 2010

### **2.3 Plano Museológico do Museu Olívio Otto: instrumento estratégico de gestão**

No sentido de compreender a importância da ação educativa e a sua articulação com todas as demais atividades desenvolvidas pelo museu, esse estudo fará um recorte do Plano Museológico do Museu Olívio Otto relativo aos itens que definem a instituição, a identificação dos espaços e dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus, identificação dos públicos e detalhamento dos programas, cuja ênfase será para o Programa de Ação Educativa.

Assim, segundo o item 1.1 do Plano Museológico do Museu Olívio Otto, a instituição tem como missão:

Reunir, documentar, pesquisar, conservar e divulgar seu acervo com fins educativos, sociais, culturais e de deleite, levando em conta sua vocação temática na história local, dentro da perspectiva de um museu para todos. (PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU OLÍVIO OTTO, 2010, p. 11)

O diagnóstico global do Museu Olívio Otto, constante no item 1.3 (2010, p.11/12) apresenta um levantamento das potencialidades, pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças da instituição. A política de ação educativa é citada como um dos pontos fortes, além de apresentada como uma oportunidade para a efetivação da missão do museu.

Utilizar suas potencialidades em termos de acervo como recurso educacional [...] ser um espaço dinâmico que, além de utilizar suas próprias potencialidades em termos de exposições temporárias e itinerantes e de ação educativa, divulga projetos da comunidade que se alinhem com os propósitos da instituição (grifo nosso). (PLANO MUSEOLÓGICO DO MUSEU OLÍVIO OTTO, 2010, p. 11/12)

Ao quantificar as oportunidades, ameaças, forças e fraquezas, utilizando-se da matriz de GUT<sup>5</sup> que prioriza os aspectos segundo sua gravidade, tendência e urgência, o Plano Museológico do museu aponta a normalização do documento referente à política de ação educativa do museu como prioridade de número um.

Através do organograma e do fluxograma do Museu Olívio Otto, pode-se observar que a ação educativa está interligada a todas as estruturas

---

<sup>5</sup> Esta matriz é uma forma de se tratar problemas com o objetivo de priorizá-los. Leva em conta a gravidade, a urgência e a tendência de cada problema. **Gravidade:** impacto do problema sobre coisas, pessoas, resultados, processos ou organizações e efeitos que surgirão em longo prazo, caso o problema não seja resolvido. **Urgência:** relação com o tempo disponível ou necessário para resolver o problema. **Tendência:** potencial de crescimento do problema, avaliação da tendência de crescimento, redução ou desaparecimento do problema.

- A pontuação de 1 a 5, para cada dimensão da matriz, permite classificar em ordem decrescente de pontos os problemas a serem atacados na melhoria do processo.

- Este tipo de análise deve ser feito pelo grupo de melhoria com colaboradores do processo, de forma a estabelecer a melhor priorização dos problemas, lembrando que deve haver consenso entre os membros do grupo.

- Após atribuída a pontuação, deve-se multiplicar GxUxT e achar o resultado, priorizando de acordo com os pontos obtidos.( <http://sites.google.com/site/gcqetec/matriz-gut>)

administrativas e a todas as ações desenvolvidas. Além de possuir espaço físico próprio para sua realização, ela pode ser desenvolvida em todo espaço expositivo do museu e também fora dele.

### Organograma - Museu Olívio Otto

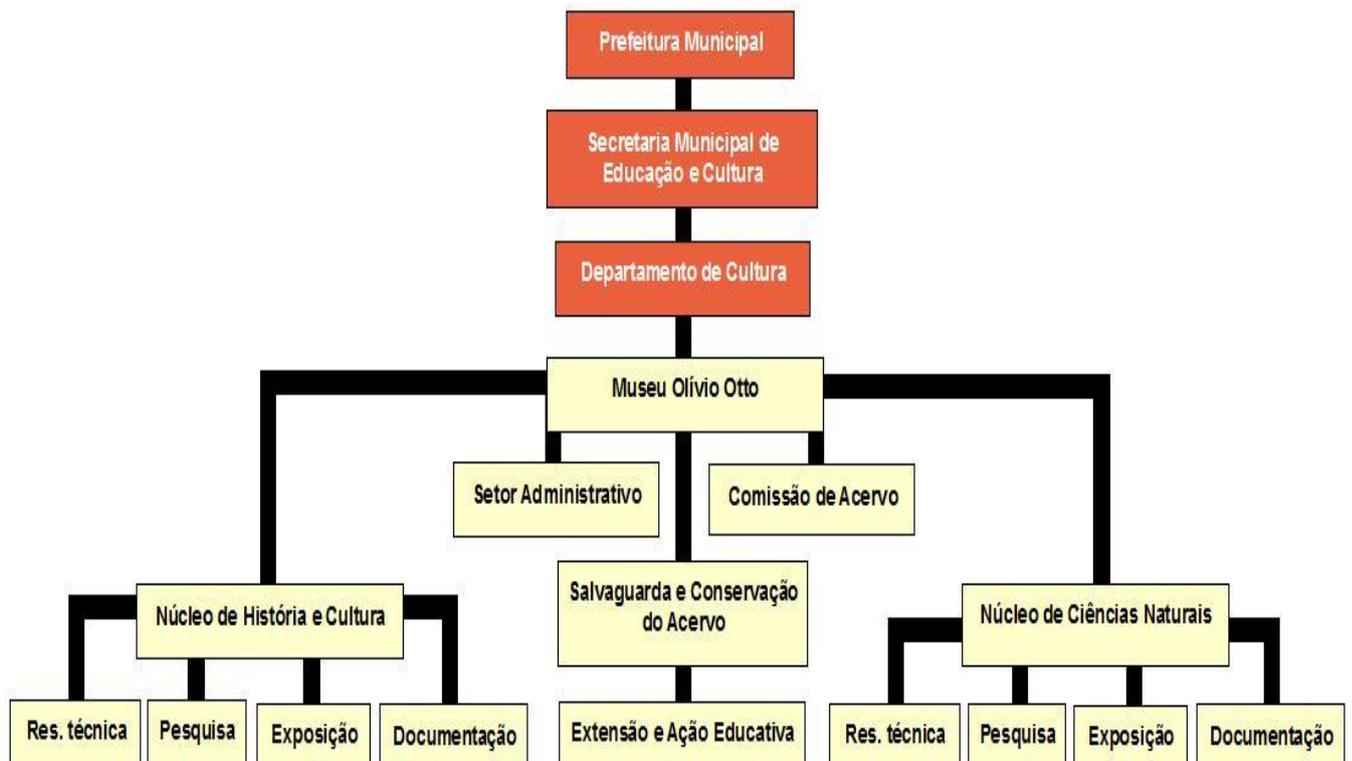


Fig.24 Organograma do Museu Olívio Otto  
 Fonte: Plano Museológico do Museu Olívio Otto - 2010

## Fluxograma – Museu Olívio Otto

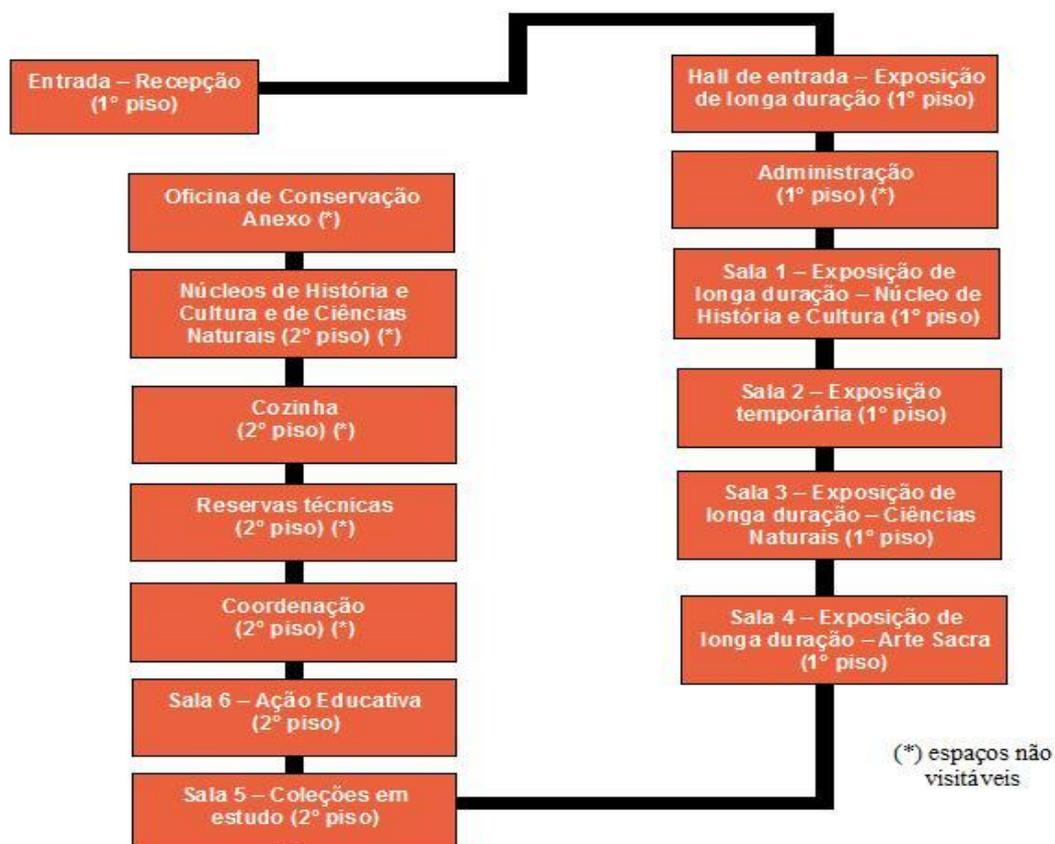


Fig.25 Fluxograma do Museu Olívio Otto  
Fonte: Plano Museológico do Museu Olívio Otto – 2010

### 2.4 Perfil do público: para dialogar é preciso conhecer

A relação entre o público e a ação pedagógica desenvolvida pelo museu, seja em forma de atividades educativas específicas ou não intencionais, tem suas origens no apogeu do Iluminismo. Segundo estudos sobre aprendizado e educação, feitos no início do século XIX, foi no século das luzes que ora estava ligado ao conceito de progresso, ao culto à razão e à liberdade, onde havia “a necessidade de educar-se o maior número possível de pessoas de todas as classes sociais, acabou influenciando os museus” (SUANO *apud* PINTO BEN,

2006, p.28).

Valendo-se dos estudos de Clarice Pinto Bem, que usa como referência autores como Suano (1986), citado acima, e Brandariz (s/d), fica bem claro o imbricamento entre público/educação/ação pedagógica, pois como afirma este último:

Já no século XVIII, desenvolveu-se a idéia de “público” como um espaço comum, e cresceu a teoria de que o patrimônio entesouramento pelo exercício do poder deveria ser acessível a um maior número de pessoas [...] A Revolução Francesa concretizou, drasticamente, o que em outras partes da Europa, como a Inglaterra, já havia começado harmoniosamente, a criação de museu **público (grifo meu)** PINTO BEN, 2006, p.29).

Nessa direção, a missão social atribuída ao museu mudou muito, durante o século XIX, pois promover a educação popular, atendendo aos ideais democráticos e liberais do momento, passou a ser outra função do museu. Para isso, foram utilizados, nos museus, mecanismos didáticos que visavam educar o povo considerado ignorante e profano. Foi na prática da educação<sup>6</sup> que os museus criaram seus modos de atuação<sup>7</sup>.

Ainda, aportada pelos estudos de Pinto Bem (2006), é fato referir que, na metade do século XIX, a Europa, principalmente a Inglaterra, foi marcada pela Revolução Industrial. O interesse pela máquina, surgido especialmente com o advento da indústria, substituiu o trabalho que, até então, era feito artesanalmente, marcando a Era das Grandes Exposições.

No entanto, tais exposições:

---

<sup>6</sup> A educação moderna, que se estabeleceu progressivamente na Europa a partir do século XVI, desempenhou papel decisivo como agente disciplinador na criação de uma sociedade civilizada. Foi também com a modernidade que se naturalizou a divisão e a hierarquia dos saberes em categorias (VEIGA-NETO, 1996). Verifica-se que, no museu, a partir de sua institucionalização, no final do século XVIII, também se operaram disciplinamentos e categorizações para o conhecimento, semelhantes às práticas construídas pela escola. (BEN PINTO, 2006)

<sup>7</sup> Estes movimentos nos museus tratavam de promover nestes espaços a educação das massas, junto ao processo iniciado com a Revolução Industrial em meados do Século XIX (ibid).

Eram realizadas em espaços suntuosos, semelhantes a grandes templos e palácios, que, para o público comum, funcionavam como locais inibidores. Somente no final do século XIX, o público de fato começou a se apropriar dos museus, motivados principalmente pelas grandes exposições industriais, pelas quais manifestavam grande interesse, como aparece em relatos de cartas escritas aos jornais da época como o Times, de Londres (SUANO apud PINTO BEN, 2006, p.30).

Desse modo, intrinsecamente, se estabelece a relação público e a educação nos museus. No século que se segue, o público passa ser o fundamento de todo aparato das instituições museológicas. Com o apoio do poder público que buscava difundir identidades nacionais, o envolvimento com a indústria cultural, com as universidades e com a pesquisa, os museus começaram a dinamizar-se. Diversificam-se os públicos, e a ação educativa no museu passou a ser, de fato, considerada a partir dos anos de 1960, do século XX.

Desde então e na atualidade, mais do que nunca os museus dedicam-se a conhecer o seu público. Para tanto, utilizam-se de pesquisas para descobrir o perfil de público que os visitam; o que gostam de ver e o que gostariam de ver; que estratégias poderiam ser utilizadas para atrair mais público ao museu, a fim de organizar programação cultural que os atraiam.

Ao gestor de uma instituição museológica cabe priorizar o conhecimento do público visitante do museu, para que o planejamento de todas as ações esteja o mais aproximadamente possível focado no seu público. Esse procedimento é feito no caso do Museu Olívio Otto de Carazinho, através do levantamento estatístico dos dados constantes no livro de registros de visitantes do museu. Nesse documento consta, data da visita, nome do visitante, profissão e localidade onde reside. A partir desses dados, é realizado o levantamento estatístico onde são basicamente quantificados os itens como número de pessoas da comunidade local, do estado do Rio Grande do Sul, de outros estados brasileiros e do exterior que visitam o museu.

Com vistas ao objetivo deste estudo que é a elaboração de um programa de ação educativa para o Museu Olívio Otto para o ano de 2011, foi realizado o levantamento estatístico de público com base no ano de 2009, o qual será apresentado abaixo.

- Nº total de visitantes no ano de 2009: 7.448

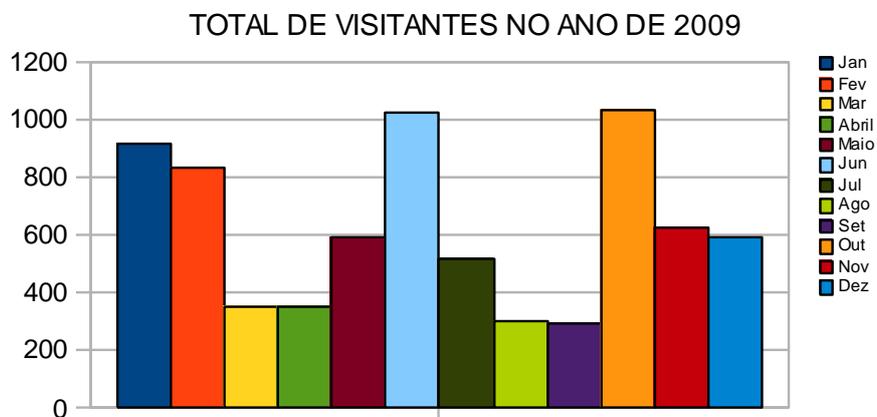


Gráfico 1. Total de visitantes no ano de 2009

Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

- Média mensal de visitantes: 620

Através do gráfico acima, percebe-se que os meses de maior visitação foram os meses de janeiro e fevereiro, junho e outubro. Os três primeiros meses citados referem-se aos meses de férias, onde o público é constituído de turistas e visitam o museu em pequenos grupos (famílias) ou individualmente. Já no mês de outubro, o público é de escolares que visitam o museu em grandes grupos (excursões).

- Nº de visitantes do município de Carazinho no ano de 2009: 3.776

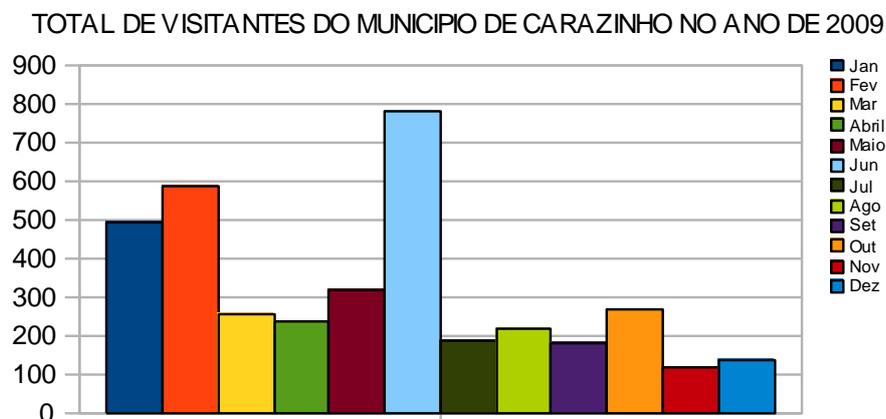


Gráfico 2. Total de visitantes do município de Carazinho no ano de 2009

Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

Mesmo em se tratando do público local, a tendência do pico de visitação confere com a análise do primeiro gráfico. Essa tendência mostra uma variação de público, ou seja, não apenas os escolares visitam o museu, mas outras tipologias de público também. Esse gráfico mostra que a comunidade local tem o museu como referência como opção de lazer, entretenimento e fonte de conhecimento.

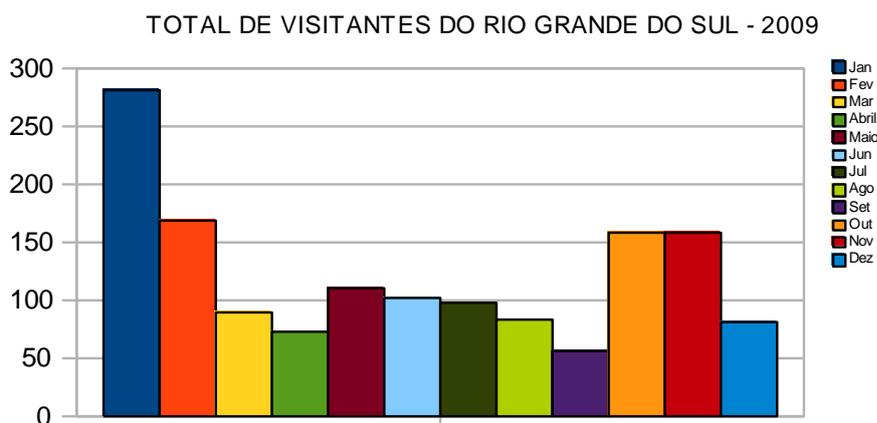


Gráfico 3 – Total de visitantes do Rio grande do Sul no ano de 2009

Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

- Nº de visitantes do Estado do Rio Grande do Sul no ano de 2009: 1.346

Pelo gráfico acima, vê-se referendada a tendência de visitação de turistas nos meses de férias, sendo possível observar que nos meses de outubro e novembro a característica de público é de excursões. Nesses meses, o museu recebeu boa parcela de público, geralmente de escolares, que se dirigem à rota turística das missões.

- Nº de visitantes dos demais Estados do país no ano de 2009: 335

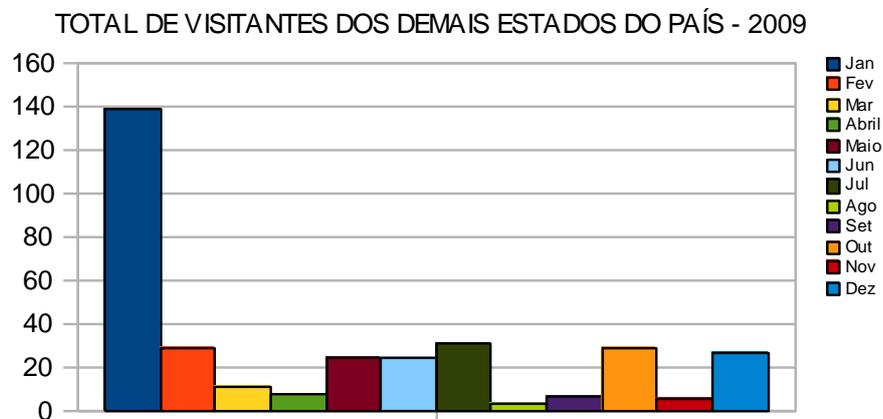


Gráfico 4. Total de visitantes dos demais Estados do país no ano de 2009  
 Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

O gráfico acima novamente confirma a tendência de ser o Museu Olívio Otto um importante ponto turístico, pois no mês de janeiro recebe um maior número de público vindo de outras partes do país.

- Nº de visitantes do exterior no ano de 2009: 46

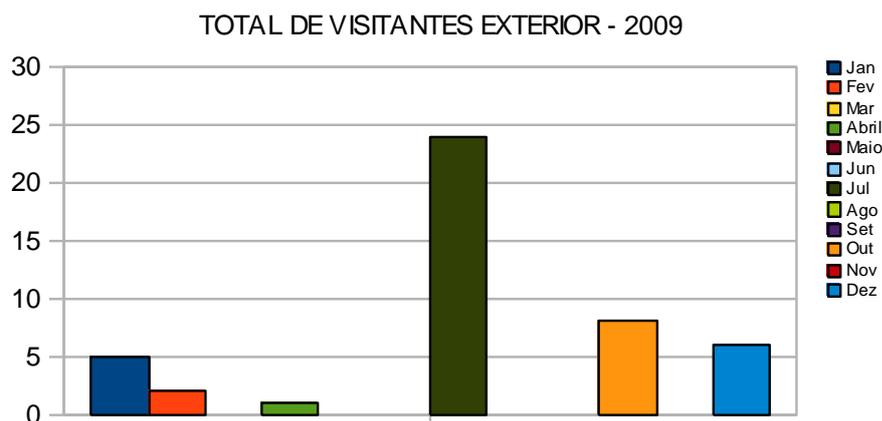


Gráfico 5.- Total de visitantes do exterior no ano de 2009  
 Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

Apesar de ser em menor número, o pico de visitação por parte de pessoas do exterior se deu no mês de agosto, caracterizando-se, segundo o livro de registros do museu, de alemães e suíços.

- Nº de turistas que visitaram o museu em 2009: 3.437

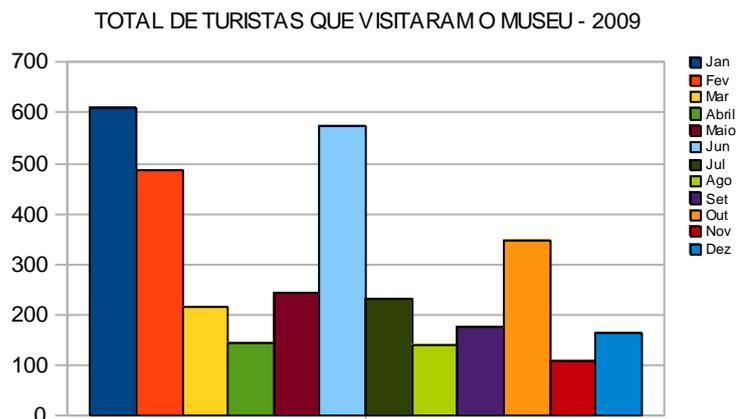


Gráfico 6. Total de turistas que visitaram o museu no ano de 2009

Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

- Nº de estudantes que visitaram o museu em 2009: 2.066

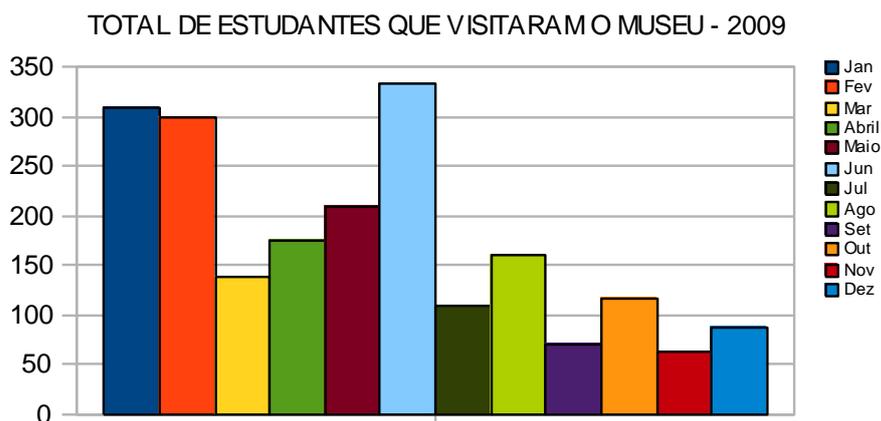


Gráfico 7 - Total de estudantes que visitaram o museu no ano de 2009

Fonte: Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto - elaborado pela pesquisadora - 2010

Por meio dos dois gráficos acima, pode-se observar que a tipologia de público que visita o Museu Olívio Otto é de turistas e escolares, tendo a comunidade local presença destacada.

As duas primeiras características do público visitante constituem-se no grande desafio do museu ao pensar as atividades de ação educativa em vista da diversidade que apresentam. Os turistas são os que apresentam a maior diversificação em relação à idade, sexo e ao fato dessas visitas tanto acontecerem individualmente, quanto em pequenos grupos ou em grupos maiores (excursões) e, ainda, às motivações que os levam ao museu. Já o público escolar, no decorrer do ano letivo, constitui a maioria dos visitantes do museu. É um público mais homogêneo em termos de interesse, porque a visita ao museu está, na maioria das vezes, ligada a pesquisas escolares. Mas, por outro lado, devido à faixa etária que vai da Educação infantil ao ensino superior, é um público heterogêneo em termos de interesses específicos.

### 3. AÇÃO EDUCATIVA: ESPAÇO DE DIÁLOGO ENTRE PÚBLICO E MUSEU



Fonte: Jornal "O Globo" 13/08/05 apresentado por Rafael Zamorano Bezerra – Ibram/MHN - Oficina de elaboração de projetos e fomento para a área museológica. 12º Fórum Estadual de Museus. 26,27 e 28 de abril de 2010. Santa Maria – RS.

Considera-se que a aprendizagem é construída pelo indivíduo das mais diversas formas e nos mais diversos lugares. O museu constitui-se em um lugar de aprendizagem não-formal, como já mencionado no decorrer desse trabalho. No entanto, é importante referir que as ações pedagógicas desenvolvidas no museu não dizem respeito somente a uma ou algumas atividades educativas (intencionais), mas envolve uma formação humana mais ampla, em que o sujeito se transforma ao colocar-se em contato com os artefatos culturais ali expostos. Essa cultura é "apreendida" e vivenciada por cada visitante de forma muito particular devido à faixa etária, situação de escolaridade, classe social, situação econômica e cultural de cada pessoa, experiências pessoais, assim como o próprio propósito que leva o visitante até o museu. Sobre isso, cabe lembrar o texto de abertura do CD-ROM Museu de Artes Rio Grande do Sul / Porto Alegre, onde o museu é:

Lugar por onde você passa e pensa:  
 Preciso entrar aí um dia.  
 Lugar em que você faz questão de entrar,  
 Desde que fique em outro país.  
 Lugar para levar alguém que visita a cidade,  
 Mas do qual você se lembra depois que o visitante foi embora.  
 Lugar para passar o tempo até que a chuva passe,  
 Mas pensando bem, um cinema é melhor!  
 Uma daquelas coisas pela qual você não tem mais tempo (mas  
 não freqüentava,  
 mesmo quando tinha).  
 Se você se enquadra em qualquer um desses quadros,  
 parabéns!  
 Ao contrário de quem já sabe que visitar o MARGS é uma  
 experiência fascinante!  
 Você ainda tem essa descoberta no futuro.  
 [...]  
 Pra descobrir tudo isso basta entrar da próxima vez que passar  
 por ele, mesmo que não esteja chovendo (VERÍSSIMO ,1997).

Através dos tempos, o conceito das instituições museológicas foi se modificando e, como já foi possível verificar, o século XIX é um marco dos avanços dos museus e referência até hoje, pois a concepção de museu que hoje se conhece vem desse século. Um exemplo disso é o caráter educativo dos museus que teve um grande impulso nesse século e evolui de acordo com as mudanças na concepção das instituições museais e do público que o frequenta.

A visão moderna de museu, surgida após a Revolução Francesa com a formação de coleções particulares, criou uma vinculação com o público a partir de sua função educativa e de suas ações pedagógicas.

O Louvre foi o primeiro museu a criar um serviço permanente em 1880. Entre 1914 e 1918, a direção do Victoria and Albert Museum, de Londres, organizou oficinas de exercícios artesanais relacionados com as peças do próprio museu, dirigidas e pensadas para os estudantes que o visitavam, inaugurando assim a etapa que poderíamos definir como de pedagogia ativa no âmbito dos museus (MARTINO, 2000).

O ponto culminante da experiência pedagógica no museu verifica-se nos Estados Unidos a partir de 1920, conforme aponta Rodolfo Carlos Martino (2000) em sua dissertação de mestrado “Museu do Ipiranga, a Nova Imagem de uma Instituição Centenária (Administração José Sebastião Witter - 1994 a 1999)”. Evoluindo em sua função social, foram os museus norte-americanos os

primeiros que começaram a assumir o papel de se converterem em intérpretes de suas próprias obras para os visitantes, e em educadores do público com respeito a uma informação maior e uma apreciação da arte em geral mais profunda.

Em 1960, os Estados Unidos contavam com 35 museus exclusivamente dedicados a estudantes, enquanto no resto do mundo os existentes não chegavam a uma dezena. Concomitantemente, é a partir de então que as reuniões internacionais do ICOM (Conselho Internacional de Museus), os seminários especializados e os departamentos de Museologia e Pedagogia das principais universidades do mundo ocupam-se, quase que permanentemente, da função pedagógica e científica dos museus.

A partir dos anos de 1970, no século XX, com o surgimento do movimento denominado a Nova Museologia<sup>8</sup>, ampliou-se ainda mais este espectro de significados.

No Brasil, a ação educativa em museus recebeu influência do Escolanovismo, proposta técnico-pedagógica liderada por Fernando de Azevedo, disseminada no Brasil a partir de 1920, que, ao mesmo tempo em que determinou a modernização dos museus, definiu-lhes o perfil de agentes empenhados no complemento de ensino escolar. Mais tarde são as propostas da educação permanente, disseminadas pela UNESCO a partir da década de 1960, que vão tratar dos museus complementares ao ensino formal.

A ideia da visita ao museu como complemento e/ou ilustração das questões tratadas em sala de aula permanece até o presente. No entanto, os

---

<sup>8</sup> Em 1972 a ICOM organizou a Mesa-Redonda de Santiago do Chile que reuniu Museólogos do Mundo Inteiro e deste encontro surgiu a declaração da Nova Museologia que foi referendada e ampliada no encontro de 1984 na Declaração de Quebec, onde se lê: A museologia deve procurar, num mundo contemporâneo que tenta integrar todos os meios de desenvolvimento, estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação, a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação naquelas ligadas ao meio humano e físico. Para atingir este objetivo e integrar as populações na sua ação, a museologia utiliza-se cada vez mais da interdisciplinariedade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e igualmente dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários. Ao mesmo tempo que preserva os frutos materiais das civilizações passadas, e que protege aqueles que testemunham as aspirações e a tecnologia atual, a nova museologia – ecomuseologia, museologia comunitária e todas as outras formas de museologia ativa – interessa-se em primeiro lugar pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo que as associa aos projetos de futuro. (<http://cave.cave.com.br/fio/museus/Museus.html>)

museus têm potencial para provocar uma experiência de aprendizagem que pode complementar o ensino escolar e que ocorre por meio de estratégias e métodos diferentes dos utilizados na escola. Mesmo sendo, os escolares, o maior público que visita os museus, estes possuem diferentes públicos, de diferentes faixas etárias, nível sócio-econômico, tanto da local quanto de outras partes do Estado, do país e do exterior, razão pela qual as instituições devem pensar em atividades que contemplem e atendam à diversidade de público.

Nesse sentido, é possível entender por ação educativa em museus:

As experimentações do sujeito para criar, construir, representar novos conhecimentos, aliado ao ser processo pessoal de desenvolvimento nesses contatos. Esse processo, a qualquer momento pode ser revisto, reelaborado e modificado para favorecer uma interação social significativa do público com o espaço, pois a visita ao museu é uma experiência social e cultural, uma forma de compartilhar o saber com o público (SILVA, 2010).

Desse modo, como bem enfatiza Walter Benjamin (2005), hoje, os museus são casas e “espaços que suscitam sonhos”, ou, como considera André Malraux (2000, p.12), os museus são locais que “proporcionam a mais elevada idéia do homem”. De um modo e de outro, fica patente a dimensão educativa e formativa dos museus: hoje, eles não são apenas casas que conservam e preservam vestígios e sobejos do passado; também são fontes de sonho e de criatividade e pontes que nos conectam com o futuro – um futuro que muitas vezes desperta no passado.

Na contemporaneidade, os museus tendem:

A estender-se para além de suas finalidades primitivas: armazenar, apresentar e aumentar suas coleções [...] apesar de os museus serem ainda um lugar dedicado a uma elite, embora sejam eles também freqüentados por massas de turistas (WITTER *apud* MARTINO, 2000, p. 36/37)

Essa nova concepção de um museu que não só evoluiu no aprimoramento de suas políticas de aquisição de acervo, técnicas de conservação e de exposição, mas também na sua função pedagógica, sofreu transformações na sua estrutura física através dos tempos, pois nem sempre os museus foram instalados em edifícios previamente concebidos para esse fim.

É somente no século XVI, com a construção dos Uffizi, em Florença, que começa a ser concebida a construção de edifícios especialmente destinados a museus. No século XX, com a mudança do conceito de museu, como se viu anteriormente, transformou-se radicalmente a arquitetura.

A tradicional planta retangular com janelas de ambos os lados, típica dos palácios neoclássicos, foi trocada. A localização das instituições também passou a ser repensada de acordo com os novos parâmetros museológicos. Atualmente existe a tendência de se escolher um local na periferia das cidades, tal como se faz com as cidades universitárias. A intenção é proteger os museus e seu conteúdo da contaminação atmosférica e do ruído. Rodeando-os de jardins e de estátuas, procura-se criar o ambiente de centros culturais colocados a serviço não só da instrução pedagógica, mas também de convivência e lazer dos visitantes (MARTINO, 2000, p.31)

Tudo isso trouxe modificações à estrutura física dos museus que, agora, requerem espaços específicos para essas atividades, através de metodologias próprias que privilegiam a formação de um sujeito histórico-social, capaz de analisar criticamente, construir e reconstruir concepções e aprendizagens, a partir de um referencial que se situa no acervo que compõe o museu.

Assim, espaços passam a ser criados e projetos, visando à adequação das “novas” perspectivas do museu moderno: reservas técnicas, bibliotecas, auditórios, cafés, livrarias salas de conservação e higienização do acervo, setor administrativo, salas de exposições de longa duração, salas de exposições temporárias e de ação educativa.

O art. 29 do novo Estatuto dos Museus lembra que

Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação (BRASIL, MINISTÉRIO DA CULTURA, 2011).

Dentro da perspectiva da nova museologia, o termo Ação Educativa refere-se “às ações de ensino e aprendizagem, que são centradas na interação entre os visitantes e os objetos que se articulam em uma exposição, mediadas por ações educacionais” (Teixeira, 1997).

Assim:

[...] a educação [subentendida como ação educativa] realizada em museus deverá operar promovendo atividades baseadas em metodologias próprias que permitam a formação de um sujeito histórico-social que analisa criticamente, recria e constrói a partir de um referencial que se situa nos seus objetos tangíveis ou intangíveis (CABRAL, 2002, p. 3).

Se se proceder a uma analogia entre a educação não-formal e aquelas realizadas sob o codinome de atividade educativa, pressupor-se-á que:

No contexto dos museus, a ação educativa pode apresentar-se como facilitadora e provedora de um processo prazeroso de ensino-aprendizagem, inserido dentro de uma ação cultural mais ampla. (VON SIMSON, PARK, FERNANDES apud FRONZA- MARTIN, s/d, p.3).

Recentemente, é comum nos museus a realização de diversas atividades como cursos, ateliês, seminários, monitoria, oficinas, entre outros, assim como atividades de pesquisa tanto teórica quanto prática. Para isso são utilizados diversos suportes educacionais, que vão desde recursos humanos até materiais mediadores, visando uma maior interação entre os visitantes e a mensagem das exposições de longa duração e exposições temporárias em exibição.

Em parte, a necessidade dos museus de obterem patrocínios ou justificarem o investimento do poder público (quando são mantidos por estes) exige que os seus índices de visitação sejam elevados. Para tanto, reforçam os serviços educativos para atrair e atender a demanda de públicos e investem em ações de mediação que permitem iniciativas de democratização da cultura, principalmente, para o público que não frequenta museus.

Essa estratégia de expansão das atividades pedagógicas no museu demonstrou ser um caminho importante para aproximar o público do consumo cultural. Bourdieu (2003) identifica que “a estrutura do público assíduo dos museus pode ser considerada como um indicador aproximativo do nível da informação proposta pelo museu”.

Diante dessa perspectiva, os museus tiveram que se renovar e se fazerem compreender, principalmente com o avanço e as transformações da pedagogia, ou melhor, dos sistemas e normas impostas por uma nova

pedagogia, que resultaram em uma verdadeira democratização do ensino, ou seja, tiveram os museus que estabelecer um diálogo com o visitante.

As ações educativas são resultantes de ações interdisciplinares e, sendo assim, múltiplas são as possibilidades de estratégias, dependendo inclusive de como os profissionais do museu envolvidos no trabalho vêem essa prática educacional. Essas múltiplas possibilidades do trabalho educativo no museu com evidências materiais do patrimônio cultural demonstram ser uma via de mão dupla para o desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social.

O alcance de uma ação educativa poderá vir a ser instrumento de transformação para jovens e adultos e, ao mesmo tempo, propiciar conhecimento dos seus referenciais e conteúdos culturais.

Com base nas concepções teóricas até aqui trabalhadas nesse estudo e por todo aporte teórico oferecido pelo Curso de Especialização em Gestão Educacional em suas diversas disciplinas, pela prática cotidiana na instituição ora em estudo, além da experiência docente, é válido e coerente propor um parâmetro entre a educação formal (escolar) e a não-formal (como no museu). Ou seja, se na escola o processo de gestão se volta para o oferecimento de oportunidades, a fim de que os alunos possam aprender para compreender a vida, a sociedade e a si mesmos e para o entendimento, trata-se de uma instituição viva, caracterizada por uma rede de relações de todos os elementos que nela atuam ou interferem interdisciplinarmente. Já o processo de gestão de uma instituição museológica na contemporaneidade estrutura-se por meio de uma gestão participativa, pois quem trabalha na gestão de um museu é um agenciador de relações entre as coisas do mundo e o desejo do público, onde uma rede de relações também se estabelece de forma interdisciplinar.

Essa rede vai desde a equipe multidisciplinar, que reúne saberes distintos em torno de um mesmo fim, e no caso do Museu Olívio Otto, esse cunho ainda é mais evidente por tratar-se de um museu de história e de ciências naturais, até o envolvimento do público de outras instituições pares ou não e a comunidade.

Na escola, o papel do gestor está ligado a gerir uma dinâmica social-educacional, ser o mobilizador e articulador da diversidade para dar-lhe consistência e unidade, ser responsável por promover transformações de relações de poder, de práticas e da organização escolar. No museu, esse papel se dá com certa semelhança, mas com fins próprios que estão ligados a promover e articular o trabalho entre diversos profissionais, tais como historiadores, biólogos, museólogos, educadores, responsáveis pela conservação de acervo, pedagogos, designers etc. Também, eventualmente, provocar a contribuição de sociólogos, economistas, dramaturgos, físicos, músicos ou quaisquer outros profissionais que consigam por meio de intervenções em exposições e/ou pesquisas sobre seu acervo, ativar uma nova relação entre o público e o objeto exposto.

Ainda estabelecendo, em linhas gerais, uma relação entre os princípios da gestão escolar e da gestão museológica, a eficiência do gestor escolar está em ter a visão de uma escola inserida em sua comunidade a médio e longo prazo, com horizontes largos, compartilhando o poder e a tomada de decisões de forma coletiva. Da mesma forma, a eficiência do gestor da instituição museológica deve voltar a sua visão para as novas estruturas museológicas não perdendo de vista o importante papel social que desenvolve junto à sua comunidade, especialmente, quando se trata de um museu comunitário como o Museu Olívio Otto.

Sem dúvida, o museu é hoje um espaço privilegiado e diferenciado de educação. A educação é uma das funções do museu e de grande responsabilidade, devido às necessidades contemporâneas de ressignificação do patrimônio cultural como base para as construções das memórias e identidades. Tem, por isso, o museu, importante participação nesse processo, sendo esta única e particular, uma vez que guarda objetos patrimoniais que servem de referência para grupos, comunidades, etnias, sociedades.

Um especialista em educação de museus deve, como as pessoas, aprender a partir dos objetos, ter boa capacidade de comunicação e experiência prática. Em geral, possui formação na área de educação e, talvez, também uma qualificação em estudos de museu.

No Brasil, os educadores<sup>9</sup> de museus devem conhecer os processos de ensino-aprendizagem, as teorias de educação e comunicação museologia. Sua formação deverá, também, idealmente, ser multidisciplinar, abrangendo a área de conhecimento relativa à natureza do acervo do museu, educação e museologia.

Uma parte importante do planejamento educacional é decidir como informar os públicos-alvos sobre as atividades oferecidas. É essencial, portando, planejar cuidadosamente o trabalho educativo do museu. É preciso considerar a função educativa do museu e como isso pode ser posto em prática.

### **3.1 Programa educativo do Museu Olívio Otto**

Tendo o Museu Olívio Otto de Carazinho – RS, após 35 anos de existência, passado nos anos de 2007 e 2008 por um processo de revitalização através de um projeto de gestão e qualificação que englobou a mudança de sua sede; tendo, por ensejo, a sua adequação às atuais diretrizes museológicas preconizadas pela Lei Nº 11.904/09 do Novo Estatuto dos Museus, cuja política de ação educativa emerge como uma das tarefas a ser cumprida pela instituição; tendo por base estas considerações feitas sobre a ação educativa e a pesquisa de público visitante do Museu Olívio Otto, foram elaborados os Objetivos e as Estratégias Educativas para o Programa Educativo do Museu.

---

<sup>9</sup> A Rede de Educadores em Museu – REM – surgiu em 2004 com o intuito de congregador educadores, profissionais da cultura, dos museus, de centros culturais, artísticos e científicos para a discussão de temas relacionados à educação em seus espaços de atuação. (<http://www.rem.org.br/>)

### **3.1.1 Objetivo geral**

Ultrapassar o conceito de simples atendimento ao público, estabelecendo um espaço de diálogo entre o visitante, a nova concepção do MOO e o contexto expositivo, propriamente dito, no sentido de provocar reflexões, construir e democratizar saberes, criar vínculos identitários e desenvolver sentidos de pertencimento.

#### **3.1.1.1 Objetivos específicos**

- Contemplar as diversas faixas etárias de público (infantil, adolescente e adulto), grau de escolaridade, objetivo da visita e portadores de necessidades especiais.
- Propiciar a mediação entre os visitantes e o contexto expositivo do museu através do diálogo e interação.
- Trabalhar em parceria com instituições escolares, mas como espaço educacional independente.
- Proporcionar visitas mediadas (monitorias) com apoio de material impresso e/ou audiovisual para cada exposição temporária.
- Oferecer ao público oficinas que dialoguem com as exposições do museu.
- Propiciar estratégias, visando à acessibilidade, não somente pela eliminação de barreiras físicas, mas também no campo das informações e atitudes; e
- Propiciar aos educadores cursos, palestras e oficinas para compreensão da nova concepção do museu e suas temáticas.

### 3.1.1.2 Estratégias educativas

PROJETOS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
<b>MUSEU-MEDIADORES</b>	- Concurso "Mascote do Museu Olívio Otto" (lançamento em abril para comemorar em mês de maio – mês dos museus.	Criar um personagem que passará a ser a identidade visual do setor pedagógico do museu e que será utilizada em todos os suportes de comunicação que sejam dirigidos ao público infanto-juvenil.
<b>MUSEU E INSTITUIÇÕES AFINS</b>	- Oficinas, visitas técnicas, sediar eventos.	Compartilhar com instituições afins saberes na área museológica, uma vez que o MOO se constitui atualmente, como referência, após seu projeto de revitalização.
	- Parcerias em exposições e eventos.	- Dinamizar e divulgar as potencialidades do MOO no âmbito dos seus Núcleos de História e Cultura e de Ciências Naturais.
<b>MUSEU E COMUNIDADE</b>	Exposições itinerantes	Ampliar e democratizar o acesso à cultura histórica e científica da comunidade local e regional através da itinerância das exposições temporárias, após sua vigência no espaço temporário do museu.
	- Publicação (livreto, informativo...)	Material de divulgação do museu, podendo ter uma tiragem semestral.
<b>ACESSIBILIDADE</b>	- Sinalização por meio de faixa alto-relevo (tátil) e coloridas nos corredores, escadas, banheiros e acesso às salas de exposição.	Facilitar o acesso aos portadores de necessidades especiais, ao espaço físico do museu.
	Material impresso (em fonte 14 ou 16 e títulos em letras maiores e em negrito.	Facilitar o acesso à informação ao portador de deficiência visual.
	- Sonorização (escadas).	Facilitar e tornar mais seguro o acesso aos portadores de deficiência auditiva ao espaço físico.

	- Visitas táteis.	- Oportunizar aos deficientes visuais perceber dentro da perspectiva da pedagogia do objeto gerador.
	- Textualizações em braile.	- Facilitar o acesso à informação sobre o museu e seu contexto expositivo ao portador de deficiência visual.

### 3.1.2.3 Metodologia

Os projetos anteriormente citados devem ser adaptados para atender os seguintes públicos-alvos, com base no estudo de público apresentado no capítulo 2, item 2.4, de acordo com as faixas etárias abaixo discriminadas:

- Educação Infantil (4 a 5 anos);
- Ensino Fundamental (1º ao 5º ano);
- Ensino Fundamental (6º ao 9º ano);
- Ensino Médio;
- Público adulto.

Vale ressaltar que, na execução das atividades propostas para o programa de ação educativa do museu, a flexibilidade e a adaptação das mesmas às faixas etárias do público é de crucial importância e constitui função do educador do museu, juntamente com os mediadores, discutirem e planejarem estratégias e formas de atuação.

Cabe observar que este é um dos grandes desafios que os museus em âmbito geral têm, em virtude justamente da diversidade dos seus públicos visitantes. Por isso, a importância de desenvolver diretrizes básicas que norteiam as ações pedagógicas do museu, através do programa de Ação Educativa.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A elaboração deste Programa de Ação Educativa baseou-se no estudo de público. No entanto, foi possível constatar que o estudo de público que costumeiramente vem sendo feito no Museu Olívio Otto precisa ser redimensionado, pois o seu mecanismo de coleta de dados (livro de registro) não abrange a diversidade e as tipologias de público.

Tão importante quanto foi a elaboração da proposta de Ação Educativa para o museu, foi a constatação, através da presente pesquisa, de que o museu necessita de um estudo de público bem mais aprofundado. Este deverá elencar itens como: idade dos visitantes, número de portadores de deficiência, razões que os levam a visitar o museu, quantificação do nível socioeconômico dos visitantes, sobre o hábito de visitar museus ou outros centros culturais. O que mais chamou atenção na visita, além de outros itens que somente um estudo mais aprofundado sobre público poderia dar aporte para tal iniciativa.

Todos os museus oferecem oportunidades para aprendizagem e entretenimento. A educação é uma das funções centrais dos museus. O gerenciamento eficaz dessas atividades educativas em museus poderá aumentar e aprimorar essas oportunidades.

Os tipos de programas educativos a serem implantados vão depender do tamanho dos museus, dos recursos financeiros, do quadro de pessoal, do tipo de acervo e dos públicos. Por isso, a importância de conhecer o público frequentador do museu. Como anteriormente citado, a ação educativa em suas diversas formas é que precede ao diálogo com o visitante. Escutá-los é a melhor forma de melhorar a qualidade das exposições, serviços e atividades propostas.

Para melhor fazer uso dos recursos que o museu possui, é essencial planejar cuidadosamente o trabalho educativo, por isso ratifica-se a importância da elaboração do Programa de Ação Educativa.

Há que se considerar que a ação educativa de um museu está imbricada com todo o restante de suas funções que vai da aquisição, conservação, comunicação, divulgação, até a pesquisa e montagem de exposição. Todos

esses processos acabam por refletir e formatar as ações pedagógicas do museu.

## REFERÊNCIAS

ANDREATO, Elifas. **Nós, o tempo e a memória. Somos aquilo que lembramos.** Janeiro 2001. Disponível em: <<http://www.almanaquebrasil.com.br/papo-cabeca/somos-aquilo-que-lembramos-2/>> Acesso em: agosto, 2010.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação.** Brasília: Liber Livro, 2004.

BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BEN, Clarice Pinto. **Templos da “verdadeira” arte, espaços interativos, locais de propaganda: o que se ensina no Museu de Arte?** Dissertação de mestrado – Universidade Luterana do Brasil - ULBRA – Canoas, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Espaços que suscitam sonhos, museus, pavilhões de fontes hidrominerais.** In: CHAGAS, Mario (org.) Revista do Patrimônio: Museus, Antropofagia da Memória e do Patrimônio, n. 31-2005.

BEZERRA, Rafael Zamorano. **Minicurso de elaboração de projetos e fomento para a área museológica.** 12º Fórum Estadual de Museus. 5, 6 e 7 de maio de 2010. Santa Maria / Rio Grande do Sul. Power Point

BITTENCOURTT, José Neves. **Notas sobre a questão dos museus na atualidade.** Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=1119](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=1119)> Acesso em: Set. 2010.

**BLOG VIAPUC.** Disponível em: <[http://viapuc.tumblr.com//tumblr\\_l941k6Flpp1qdjnoto1\\_1280.jpg](http://viapuc.tumblr.com//tumblr_l941k6Flpp1qdjnoto1_1280.jpg)> Acesso: Fev. 2011

BRASIL. Ministério da Cultura/MINC. **Estatuto de Museus.** Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2009/01/15/estatuto-de-museus-2/>> Acesso em: Fev. 2011.

BOURDIEU, Pierre, Alain Darbel: **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CABRAL, Magaly. **Educação em Museus como produto: Quem está comprando?** (CONFERÊNCIA DE NAIROBI, 2002) Boletim CECA-Brasil, nº 1, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CARVALHO, Ana Cristina Barreto. **Gestão do patrimônio Museológico: as redes de museus**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da USP. 2008.

CHAGAS, Mário. **Novos rumos da Museologia. Cadernos de Museologia**, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sócio-Museologia, n. 2, 1994.

\_\_\_\_\_. **Museália**. Rio de Janeiro: JC Editora, 1996.

EVELLYN BLOG. COISAS DO BRASIL. DISPONÍVEL EM: <<http://meumundoenadamaisevellyn.wordpress.com/2008/05/16/blogagem-coletiva-coisas-do-brasil/>>. Acesso em: Fev. 2011.

FUNARI, *Pedro Paulo*. **O museu e os desafios do profissional de museu**. Disponível em: <[http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=3254](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=3254)> Acesso em: Jul.2010.

GESTAO, CIDADANIA E QUALIDADE. **Matriz GUT**. Disponível em: <<http://sites.google.com/site/gcquetec/matriz-gut>>. Acesso em Fev. 2011.

GIRAUDY Daniele; BOULHIET, Henri. **O Museu e vida**. Trad. France Filiatre Ferreira da Silva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990.

IPHAN. **Política nacional de museus: relatório de gestão 2003/2004**.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. In: Caderno de diretrizes museológicas. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Museus e Centros Culturais. Secretária de Estado de Cultura-Superintendência de Museus. 2 ed. Belo Horizonte, 2006.

LEAL, Maria Cristina (org). **Educação e Museu**. RJ, Acess Editora, 2003.

MALRAUX, André. **O museu imaginário**. Lisboa: edições 70, 2000.

FRONZA- MARTIN, Aglay Sanches. **Memória e Museus de Ciências: uma ação ou uma re-ação?** Disponível em: <<http://www.preac.unicamp.br/memoria/textos/Aglay%20Sanches%20Fronza-%20Martins%20-%20completo.pdf>> .Acesso em: Fev. 2011.

MARTINO, Rodolpho Carlos. **Museu do Ipiranga: a nova imagem de uma instituição centenária (administração José Sebastião Witter 1994-1999)**. Tese de mestrado, UMESP, 2000/ . Disponível em: <[www.rodolfomartino.com.br/downloads/parte4.pdf](http://www.rodolfomartino.com.br/downloads/parte4.pdf)>. Acesso em: Jul, 2010.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. **Nascimento dos Museus Brasileiros**. IN PCD.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Estatuto dos Museus**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2009/01/15/estatuto-de-museus>> Acesso em fev. 2011.

MUSEU DA PESSOA. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net>> Acesso em fev. 2011.

MUSEU OLÍVIO OTTO. **Livro de registro de visitantes do Museu Olívio Otto**. Carazinho, 2009.

MUSEU OLÍVIO OTTO. **Arquivos fotográficos do Museu Olívio Otto**. Carazinho, 2010.

MUSEU OLÍVIO OTTO. **Plano Museológico do Museu Olívio Otto**. Carazinho, 2010.

**MUSEU O QUE É?** Disponível em: <<http://cave.cave.com.br/fio/museus/Museus.ht>> Acesso em: fev 2011.

ROTA METROPOLI. **Rota das Crianças**. Disponível em: <<http://www.rotametropole.com.br/criancas.htm>> Acesso em fev. 2011.

SANTOS, Maria Célia. **Museu, Escola e Comunidade. Uma Integração Necessária**. SP, Sphan, 1987.

SIMON, Gilberto. **Blog Portoimagem**. Disponível em: <<http://portoimagem.files.wordpress.com/2010/12/museu-puc.jpg>> Acesso: fev.2011.

SISTEMA BRASILEIRO DE MUSEUS. **Definições de museu**. Disponível em: <[http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu\\_apresentacao.htm](http://www.museus.gov.br/sbm/oqueemuseu_apresentacao.htm)> .Acesso em: Abril, 2010.

SUANO, Marlene: **O Que É Museu**. SP, 1986, Coleção Brasiliense.

TEIXEIRA COELHO. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo, FAPESP/Iluminuras, 1997.

TWU Turismo. **Parque Nacional da Serra da Capivara**. Disponível em: <[http://www.twuturismo.com.br/patrimonio\\_serra\\_capivara.htm](http://www.twuturismo.com.br/patrimonio_serra_capivara.htm)> Acesso em: Fev. 2010.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista**. Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 21, n. 02, p. 161-175, jul./dez. 1996.

VERISSIMO, Luis Fernando. **Texto de abertura do CD-ROM do Museu de Artes do Rio Grande do Sul**, 1997.

VON SIMSON, Olga R. M.; PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S. (orgs) **Educação não-formal: cenários da criação.** Campinas: Editora da UNICAMP/ Centro de memória, 2001.